A imagem da velhice como espelho despedaçado

Helder Rodrigues Pereira

Universidade Presidente Antônio Carlos (Unipac).

rodrigueshelder@msn.com

Elizama Franciane da Costa

Universidade Presidente Antônio Carlos (Unipac).

elizamafran@gmail.com

Resumo

Neste artigo, pretende-se apresentar uma discussão sobre a velhice que, não raro, entra em confronto com o ideário do mundo capitalista que prioriza a juventude, a felicidade e o consumo. Embasamo-nos na teoria psicanalítica para enfatizar o sujeito na velhice e abranger as problemáticas vivenciadas por esta população. Se o corpo, com o passar dos anos, envelhece, a alma não envelhece, ou seja, o sujeito do inconsciente desconhece a categoria mental do tempo. Para que o idoso não perca seu papel dentro da sociedade e viva com satisfação, é indispensável que ele seja tratado como homem de direitos e deveres. Cada idoso é capaz de construir sua própria velhice em seu jeito singular.

Palavras-chave: sujeito; velhice; capitalismo; sociedade; psicanálise.

1 Considerações iniciais

Em meio à sociedade hedonista, cuja busca pela perpetuação da juventude organiza e dirige as ações midiáticas e mercadológicas, há que se pensar na velhice. Envelhecem as pessoas e seus sonhos, envelhece sua forma de ver o mundo. O envelhecimento é um processo e a velhice é apenas um momento desse processo – uma etapa da vida, como a infância, a adolescência e a idade adulta. Nessa perspectiva, o envelhecimento é um processo natural do desenvolvimento que se inicia com o nascimento. Sendo assim, a velhice é compreendida como uma das etapas do envelhecimento. A velhice, pois, mostra a posição do sujeito: ao ingressar na velhice, o idoso não é mais visto pela sociedade e não se sente como objeto de desejo do outro. O apanágio da velhice se instaura nas formas como o idoso se vê, como ele se percebe e como é percebido pelo outro.

Por ser um processo, o envelhecimento é irreversível e produz no corpo as marcas visíveis. Cada idoso é capaz de construir sua própria velhice de seu jeito singular. A velhice é

um estado, ao passo que o envelhecimento é um processo que tem significado de movimento contínuo de subjetivação, cuja característica é ser constante e inacabado.

Na atualidade, a população idosa é a que mais tem crescido no Brasil, devido à baixa taxa de natalidade e à baixa taxa de mortalidade. A melhoria das condições de saúde e da expectativa de vida contribuiu significativamente para o crescimento da população de idosos. Por conseguinte, na modernidade, o consumismo pela população idosa tem aumentado cada vez mais, o que evidencia o aparecimento de um novo sintoma: endividar-se para acompanhar o consumismo e adquirir cada vez mais produtos novos.

2 Apresentando a sociedade: pessoas vivendo um grande espetáculo

Vivemos em uma sociedade onde prevalece a dramatização da própria vida. Nesta vida espetacular, tudo é representado; a imagem que se passa para as outras pessoas é tudo, mesmo que não seja tudo aquilo que é apresentado. Nesse caso, afirma Debord (1997, p. 13): "tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação". A vida passa com rapidez e evapora-se na fumaça da representação.

As pessoas vagueiam sem direção nesta sociedade do espetáculo, o importante é parecer fascinante, obter a contemplação. Essa é a expectativa do espetáculo: ter um discurso ficcional, demonstrando algo que as pessoas não são e que apenas aparentam ser. De outra forma, diríamos que o sujeito nessa sociedade do espetáculo é transformado em um objeto de natureza descartável, ele perde totalmente a sua interioridade, vivendo mascarado dentro do espetáculo.

O espetáculo consiste em sedução; é uma ilusão, uma manipulação para se dominar a mente dos indivíduos na sociedade. A velhice é um problema dentro dessa sociedade da aparência. De acordo com Beauvoir (1986, p. 664), em uma "sociedade ideal [...] pode-se imaginar que a velhice, por assim dizer, não existiria". Além do mais, o espetáculo, para Debord (1997), pode ser compreendido como toda a vida das relações sociais, o que caracteriza uma "sociedade em que ninguém consegue ser *reconhecido* pelos outros, cada indivíduo torna-se incapaz de reconhecer sua própria realidade" (DEBORD, 1997, p. 140).

Nesse contexto, o imaginário é mediado por imagens, através da relação social entre as pessoas. A imagem é cheia de atrações, mas consiste em um vazio de conteúdo. Segundo Debord (1997, p. 14), "o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação

social entre pessoas, mediada por imagens". Tudo o que vemos e o que somos é o tempo todo influenciado por aquilo que não é.

A partir dessa premissa, a imagem pode ser compreendida como uma imagem de si mesma, como, por exemplo, a imagem que temos do outro, a imagem que o outro possui de nós, a nossa imagem projetada no outro, a nossa imagem que desejamos transmitir ao outro e a imagem idealizada como a imagem padrão.

De toda forma, o espetáculo é representado pelo imaginário nessa sociedade, precisa-se estar a todo o tempo simulando, porque preferimos "a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser..." (DEBORD, 1997, p. 13). Os cidadãos são facilmente dominados pelo espetáculo. Sem dúvida, viver em um mundo de emoção, alegria e diversão é muito satisfatório, o que não se sabe é que esse mundo é pura irrealidade que sustenta a sociedade dominante com base na produção e no consumismo.

> Considerado em sua totalidade, o espetáculo é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. Não é um suplemento do mundo real, uma decoração que lhe é acrescentada. É o âmago do irrealismo da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos –, o espetáculo constitui o *modelo* atual da vida dominante na sociedade. É a afirmação onipresente da escolha *já feita* na produção, e o consumo que decorre dessa escolha (DEBORD, 1997, p. 14-15).

Na realidade, no espetáculo a vida é vivida como uma peça de teatro. Nesse sistema, há uma predominância do valor estético, dando ênfase à beleza e seus atributos. Nessa direção, menciona Debord (1997, p. 130), "o espetáculo decorreria do fato de o homem moderno ser demasiado espectador".

Na velhice, as peças para serem representadas se perdem, pois é uma fase de estranheza e sofrimento, conforme aponta Mucida (2006, p. 70) "[...] quanto mais enlaçada ao corpo e às demonstrações fálicas é a cultura, mais a velhice se torna um palco de sofrimento para aqueles que a contemplam ou a vivenciam". De qualquer forma, nessa sociedade, o espetáculo e a velhice não combinam, é indispensável ser belo e jovem para seguir o padrão do espetáculo. Nessa perspectiva, revela Debord (1997, p. 138), "o espetáculo é a ideologia por excelência, porque expõe e manifesta em sua plenitude a essência de todo sistema ideológico: o empobrecimento, a sujeição e a negação da vida real". A velhice seria, então, considerada como o cair no ridículo do espetáculo. Com episódios de solidão e abandono, o idoso passa a ter dificuldades em lidar com situações novas. Beauvoir (1986, p. 44) considera

que “as pessoas idosas têm muita dificuldade de se adaptar às situações novas; elas reorganizam facilmente coisas conhecidas, mas resistem às mudanças”, o que ocasiona dias de tristeza por serem segregados para fora da sociedade do espetáculo.

> A tristeza das pessoas idosas não é provocada por acontecimento, ou por circunstâncias singulares: ela se confunde com o enfado que as devora, com o amargo e humilhante sentimento de sua inutilidade, de sua solidão no seio de um mundo que só lhes tem indiferença (BEAUVOIR, 1986, p. 568-569).

Mas, ao mesmo tempo, os personagens que apresentam e interpretam nessa sociedade do espetáculo são pessoas vivendo uma ideologia. Os jovens, com a sua beleza radiante, são os malabaristas e equilibristas, pois representam a parte nobre do espetáculo da sociedade. O espetáculo é uma herança, uma ideologia; o idoso vive contra essa ideologia, a sua história não é mais fascinante e nem desejante, não há como continuar encenando.

Se partirmos da ideia de que a velhice não pode ser disfarçada, compreendemos que muitos mascaram os seus sinais que vão cada vez mais se acentuando no corpo. Então, para a sociedade do espetáculo, a velhice é subversiva, o velho tem uma imagem deformada, como para o espetáculo a imagem é tudo, na velhice, o espetáculo não encontra seu ideal.

A propósito, o espetáculo é a melhor diversão para as pessoas na sociedade, o caráter de dramatização do palco da vida inclui personagens com vida capazes de atrair a atenção dos receptores. O velho já não corresponde ao desenrolar dessa narrativa, não possui mais força e nem formosura. Por essa via, sustenta Debord (1997, p. 39), “a raiz do espetáculo está no terreno da economia que se tornou abundante, e daí vêm os frutos que tendem afinal a dominar o mercado espetacular”. Em outra vertente, nem todos os idosos são consumidores nessa sociedade e, por isso, não há espaço para eles dentro dela.

Na sociedade do espetáculo, as pessoas trabalham para serem merecedoras do consumo e do poder; elas acreditam que alcançarão a felicidade nessa sociedade, o que caracteriza que o espetáculo é satisfeito com as necessidades humanas. As pessoas, então, não vivem para si, mas em favor de chamar a atenção dos outros; são fantoches que a sociedade do espetáculo moldou para si. Não são capazes de satisfazer seus próprios desejos, vivem em uma busca constante sem saber o que realmente se procura.

> A alienação do espectador em favor do objeto contemplado (o que resulta de sua própria atividade inconsciente) se expressa assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo (DEBORD, 1997, p. 24).

A gênese do espetáculo é a representação, as pessoas vivem como uma peça de teatro, no palco improvisado da vida. Na maioria das vezes, não valorizam as pessoas idosas e nem o que importa na vida. Diríamos como Mucida (2006, p. 16): "a velhice desacomoda, incomoda, principalmente nesse mundo permeado de máscaras do novo". O ideal é ser jovem, bonito, viçoso. Debord (1997) considera que as pessoas encenam no cenário da vida, aparentam ser o que não são. O espetáculo é uma irrealidade, é uma alienação que sustenta a sociedade, um verdadeiro simulacro das relações e da vida humana. Ainda nas palavras de Debord (1997, p. 16-17), "o espetáculo se apresenta como uma enorme positividade, indiscutível e inacessível. Não diz nada além de 'o que aparece é bom, o que é bom aparece'". A atualidade celebra os comportamentos, os valores e a aparência dos jovens. Há um grande cuidado e preocupação com o corpo e com a aparência física. Exibe-se a beleza e nega-se o envelhecimento, tenta-se adiar a velhice a qualquer preço, de modo que o importante é parecer novo e jovem.

No espetáculo se cultua o amor à juventude e o desprezo à velhice. Como acentua Beauvoir (1986, p. 507): "amo a juventude; desejo que nela continue nossa espécie, e que esta última conheça tempos melhores. Sem essa esperança, a velhice para a qual eu encaminho parecer-me-ia inteiramente insuportável".

Partindo do princípio de que aos nossos olhos a beleza possui uma fonte de atração e admiração, talvez não seja fácil envelhecer, afinal de contas, apresentaremos um corpo que não é mais desejado. Apenas falar de velhice já causa tristeza às pessoas, é preferível abordar temas como: juventude, beleza e sucesso. Nesse viés, expõe Mucida (2006, p. 16), "falar da velhice incomoda porque expõe o limite ao qual todos nós somos submetidos. Falar de velhice desacomoda, exigindo certa acomodação dos traços e dos restos advindos pelas perdas, pelas mudanças da imagem e na relação com o Outro". Preferimos viver na ilusão à realidade; a sociedade espetacular nos alienou com sua ideologia de beleza e juventude.

De certa forma, os episódios do espetáculo configuram como as pessoas vivem nessa sociedade alienada, estão sempre copiando o sistema com seus quadros célebres, o programa das atrações é o belo, a juventude, a riqueza e o poder, que desempenham um papel importante nas gerações. Notamos que, na sociedade do espetáculo, o sujeito não pode sofrer e nem se apresentar deprimido ou triste, é indispensável ser competitivo, egoísta e agressivo.

De permeio, o velho experimenta a exclusão, pois não possui mais o valor (atração) do espetáculo.

De fato, na sociedade do espetáculo, o velho não passa de um fardo: "o velho incapaz de suprir suas necessidades representa sempre uma carga" (BEAUVOIR, 1986, p. 12). Um dos motivos para não envelhecer é que, segundo alguns, na velhice o velho só repete e caduca, como o espetáculo é sempre uma novidade, o idoso está fora das determinações do espetáculo, que necessita de transmissão de imagens atrativas, informações e comunicação.

> Há casos nos quais os comportamentos inadaptados do velho não encerram intencionalidade. Eles se explicam por seu declínio psíquico: é o caso da caduquice e das repetições, tão característica da senilidade. O velho está voltado para o passado, sem poder sobre o futuro, e é vítima das preocupações: ressuscita indefinidamente as mesmas lembranças, rumina em voz alta as mesmas inquietações; é condenado à estagnação pelo enfraquecimento de sua memória, e por sua incapacidade de adquirir o que quer que seja de novo (BEAUVOIR, 1986, p. 589).

Se, por um lado, no espetáculo, a pessoa se enxerga sob uma determinada cena, por outro, o espetáculo na sociedade atual passa a ser considerado como um problema: há, em todo instante, uma preocupação com aquilo que deve se mostrado, devendo alcançar o auge dos espectadores.

A razão disso está em que, na concepção de Debord (1997, p. 106), a vida real se tornou um espetáculo, ou seja, "mesmo nesses momentos concedidos à vida, ainda é o espetáculo que se mostra e se reproduz, atingindo um grau mais intenso. O que foi representado como a vida real revela-se apenas como a vida mais *realmente espetacular*". O espetáculo evoca a atenção, diante do show os olhos brilham, há gritos e aplausos, nem sempre o espetáculo precisa anunciar uma verdade, mas precisa atingir o seu foco: conseguir chamar a atenção daqueles que o observam.

Neste sentido, tudo o que é novo deve ser mostrado, ao passo que o que já passou, ficou velho e perdeu a graça deve ser ocultado. Mediante esta situação, vemos que é assim que ocorre na velhice: o velho já passou, perdeu o seu espaço na sociedade. Sendo assim, escreve Beauvoir (1986, p. 211), "a velhice, que deveria ser a apoteose de uma vida de leais serviços, arrisca-se, pelo enfraquecimento físico que acarreta, a arruinar toda a glória".

No espetáculo, apesar de sempre existir o circo, os personagens, que são as pessoas da sociedade, sofrerão com a passagem do tempo, tendo que se adaptar quando

chegam à velhice. O espetáculo possui um megafone, uma série de atrações, um programa que só existe porque verdadeiramente existe um público disposto a viver nesse espetáculo.

Nesse percurso, na cultura do espetáculo, é proibido envelhecer; o declínio do corpo ocasiona repulsa naqueles que observam; essa representação teatral da realidade é horripilante, causa de medo e vergonha. Beauvoir (1986, p. 8) pressupõe que "para a sociedade, a velhice aparece como uma espécie de segredo vergonhoso, do qual é indecente falar". O sujeito idoso é deixado de lado pela sociedade e desamparado física e psicologicamente. A velhice não prende o olhar de ninguém, verdadeiramente, não há contemplação na velhice.

> Perde-se a beleza física padronizada pelos modelos atuais, a saúde plena, o trabalho, os colegas de tantos anos, os amigos, a família, o bem estar econômico, e fundamentalmente, a extensão infinita do futuro, e embora a qualidade de vida seja preservada, não pode ser evitado o sentimento de finitude que inexoravelmente se instala (GOLDFARB, 1998, p. 15).

É no período da velhice que encontramos perdas de objetos e de lugares significativos. Kamkhagi (2008, p. 51) pontua que "'negado' pela sociedade, o envelhecer que não é belo é, cada vez mais, apagado do imaginário" e, em função disso, a mídia promove os "velhos joviais", na tentativa de aumentar o universo consumista. Em torno disso, observamos cada vez mais pessoas idosas realizando cirurgias para aparentarem-se mais jovens; há também compras de cosméticos rejuvenescedores. Elas praticam esportes, alguns se comportam e se vestem como jovens para negar a velhice e manter a aparência o mais jovial possível, tudo para não perder o seu lugar dentro da sociedade do espetáculo.

A partir disso, o espetáculo é o fenômeno da aparência. A sociedade também prioriza o consumismo, com ênfase no individualismo. No espetáculo, Debord (1997) conceitua a imagem como uma relação social, ou seja, como uma espécie final da mercadoria, modificando as percepções e as sensações. As pessoas no espetáculo almejam alcançar a fama por meio da admiração, ser reconhecida como uma estrela e obter o sucesso.

Assim, os destinos dos idosos são tristes; na sociedade do espetáculo, são segregados e abandonados. O sucesso é atribuído aos jovens e o insucesso, aos velhos, excluídos da sociedade do espetáculo.

A velhice se instaura de forma silenciosa, inverte a arte, tornando-a grotesca, acaba com todas as expectativas do espetáculo. Mesmo assim, é necessário assumir sua condição humana, pois o sentido da vida está no futuro que os espera, de modo que

"enfraquecido, empobrecido, exilado no seu tempo, o velho permanece, no entanto, o homem que era" (BEAUVOIR, 1986, p. 549).

Na verdade as pessoas são incompletas e insatisfeitas, estão em busca do objeto perdido, o que faz com que essa sociedade seja infeliz e cheia de frustrações, já que ela é essencialmente mediada por imagens e preferindo a representação à realidade, a cópia ao original. Essa é a herança deixada pela sociedade do espetáculo e que nós adotamos como o nosso tesouro peculiar. Sob essa perspectiva, a aparência é o que importa, nossa sociedade se tornou um espetáculo, pois falsificou nossa percepção da verdadeira realidade.

2.1 O mal-estar na sociedade que envelhece

Em nossa sociedade, predomina o consumo, a beleza e a força da juventude com a sua vitalidade e vigor, o que caracteriza uma imagem idealizada, que é considerada fonte de prazer. A velhice, por sua vez, é o que não conseguimos nomear, torna-se uma fonte de mal-estar e desprazer. Do ponto de vista de Beauvoir (1986, p. 664), "a velhice denuncia o fracasso de toda a nossa civilização". A civilização que descobre que, afinal, o prazer não pode ser para sempre.

De acordo com Freud ([1930 / 1929] 1996), a civilização é a grande responsável por nossa desgraça e que, verdadeiramente, seríamos mais felizes se retornássemos às condições primitivas; como já não é mais possível, vivemos um mal-estar, ou seja, uma insatisfação, e temos que buscar outras motivações para tamponar essa insatisfação. Uma das vias seria a busca do poder.

> É impossível fugir à impressão de que as pessoas comumente empregam falsos padrões de avaliação – isto é, de que buscam poder, sucesso e riqueza para elas mesmas e os admiram nos outros, subestimando tudo aquilo que verdadeiramente tem valor na vida (FREUD, [1930 / 1929] 1996, p. 73).

Na busca pelo poder, notamos que o ser humano não dá importância à sua finitude. O poder move a humanidade, quem tem o poder e a riqueza possui o dom de dispor sobre o destino do outro. O poder está atrelado ao desejo. O desejo existe quando há uma falta e todos somos seres de falta. A procura pelo objeto perdido nunca termina na vida do sujeito, é por isso que ele é incompleto, sempre está à procura de algo a mais. Como assinala Mucida (2006, p. 61): "a falta inaugura o desejo; é porque algo falta que o sujeito buscará objetos".

Na velhice, as perdas se acentuam, o velho se percebe sem serventia, passando a viver uma vida amarga.

Da mesma forma, salienta Beauvoir (1986, p. 52), "toda a sociedade tende a viver, a sobreviver; exalta o vigor e a fecundidade, ligados à juventude; teme o desgaste e a esterilidade da velhice". Para Freud ([1930 / 1929] 1996), a beleza dispõe de uma qualidade de sentimento, é intoxicante, ela perverteria e envenenaria os sentidos das coisas. "A beleza não conta com um emprego evidente; tampouco existe claramente qualquer necessidade cultural sua. Apesar disso, a civilização não pode dispensá-la" (FREUD, [1930 / 1929] 1996, p. 90).

O mal-estar pode ser entendido como a civilização que apresenta suas demandas, suas leis e normas. Nesse caso, para que uma sociedade seja organizada, o sujeito deve dar uma resposta civilizada, logo "o desenvolvimento da civilização impõe restrições a ela, e a justiça exige que ninguém fuja a essas restrições" (FREUD, [1930 / 1929] 1996, p. 102). Então, o sujeito recalca os seus desejos para viver em harmonia com a sociedade.

A essência da civilização ocorre quando os membros da comunidade restringem suas possibilidades de satisfação em favor da vida em sociedade. "A civilização é construída sobre uma renúncia ao instinto [pulsão], o quanto ela pressupõe exatamente a não satisfação (pela opressão, repressão, ou algum outro meio?) de instintos poderosos" (FREUD, [1930 / 1929] 1996, p. 104). De modo que a civilização sempre utilizou esforços supremos através de limites para controlar os instintos agressivos do homem, o que resultou em uma troca, ou seja, "o homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança" (FREUD, [1930 / 1929] 1996, p. 119).

Entretanto, na maior parte das vezes, as expectativas sociais não coincidem com os desejos do sujeito. Notamos que o sujeito não consegue alcançar a felicidade na nossa sociedade moderna. Sabemos que para viver em sociedade e ser aceito por ela, o sujeito recalca os seus desejos.

Efetivamente, o homem abandona seus impulsos por causa da ordem e dos seus benefícios que não pode contestar. Por conseguinte, "ela capacita os homens a utilizarem o espaço e o tempo para seu melhor proveito, conservando ao mesmo tempo as forças psíquicas deles" (FREUD [1930 / 1929] 1996, p. 100). Portanto, o homem precisa deixar de lado a felicidade, o que dá origem ao mal-estar que são as imposições e restrições exigidas pela sociedade e o conflito pulsional no sujeito.

> Assim como a satisfação do instinto [pulsão] equivale para nós à felicidade, assim também um grave sofrimento surge em nós, caso o mundo externo nos deixe definhar, caso se recuse a satisfazer nossas necessidades. Podemos, portanto, ter esperanças de nos libertarmos de uma parte de nossos sofrimentos, agindo sobre os impulsos instintivos [pulsionais] (FREUD, [1930 / 1929] 1996, p. 86).

A velhice evidencia o mal-estar na sociedade, que pode ser definido como algo que é inominável, insuportável. Na percepção de Kamkhagi (2008, p. 48), "o velho é visto como obsoleto, lerdo e desinteressante, frente à expectativa de jovens promovendo constantemente o novo". Definitivamente, estamos na era do consumismo, do novo, não há espaços para a velhice, haja vista que a maioria dos idosos não produz e não consomem dentro do espetáculo.

Mas o fato é que a velhice traz à tona sua imagem que não corresponde à ideologia de beleza; não é agradável à vista e nem formoso. Essa imagem, no entanto, retrata que nem tudo corresponde ao eu-ideal. Esse marco gera um mal-estar que o idoso, em meio a essa tensão, terá que enfrentar sozinho para continuar construindo sua subjetividade.

Conforme Freud ([1930 / 1929] 1996), a vida é árdua e proporciona para nós muitas decepções e sofrimentos. Uma das formas de amenizar seria procurando satisfações substitutivas que pudessem diminuir esses sofrimentos. O ser humano esforça para encontrar a felicidade, necessita ser e permanecer feliz. A felicidade seria então para o sujeito somente sentimentos de prazer, ou seja, "por um lado, visa a uma ausência de sofrimento e de desprazer; por outro, à experiência de intensos sentimentos de prazer" (FREUD, [1930 / 1929], 1996, p. 84). Nessa direção, para viver em harmonia na sociedade, o sujeito deve colocar a capacidade de obter prazer em segundo plano.

> Não admira que, sob a pressão de todas essas possibilidades de sofrimento, os homens se tenham acostumado a moderar suas reivindicações de felicidade – tal como, na verdade, o próprio princípio do prazer, sob a influência do mundo externo, se transformou no mais modesto princípio da realidade –, que um homem pense ser ele próprio feliz, simplesmente porque escapou à infelicidade ou sobreviveu ao sofrimento, e que, em geral, a tarefa de evitar o sofrimento coloque a de obter prazer em segundo plano (FREUD, [1930 / 1929] 1996, p. 85).

A infelicidade é mais fácil de ser experimentada do que a felicidade, esta é restringida por nossa própria constituição, visto que "todo sofrimento nada mais é do que sensação; só existe na medida em que o sentimos, e só o sentimos como conseqüência de

certos modos pelos quais o organismo está regulado" (FREUD, [1930 / 1929] 1996, p. 85). Desta maneira, Freud ([1930 / 1929] 1996) em *O mal-estar na civilização,* menciona três vias de sofrimento que configuram o mal-estar: o primeiro é o nosso próprio corpo que, como sabemos está condenado à decadência e à dissolução; o segundo, o mundo externo, que com suas forças de destruição pode se voltar contra nós e, em terceiro, os relacionamentos com os outros.

Por sua vez, o organismo se deteriora e morre, o que gera um intenso sofrimento de desprazer; lidar com isso é insuportável, o sujeito na velhice sente e vê as transformações do envelhecimento. Na velhice, as marcas são vistas no corpo e são consequências da passagem do tempo. Por mais que tente manter novo e vibrante, a passagem do tempo castra e leva a todo ser humano a finitude, mostrando-lhe sua limitação, logo "o nosso organismo corporal, ele mesmo parte da natureza, permanecerá sempre como uma estrutura passageira, com limitada capacidade de adaptação e realização" (FREUD, [1930 / 1929] 1996, p. 93).

Por outro lado, "evidentemente, a beleza, a limpeza e a ordem ocupam uma posição especial entre as exigências da civilização" (FREUD, [1930 / 1929] 1996, p. 100). Sob essa ótica, na sociedade atual (do consumismo) o ideal é ser belo. É conveniente que a juventude seja eterna para que haja vida, cheia de vigor, virtude, sem limites, caracterizando a beleza e a força.

A velhice se dá no real do corpo, sendo impossível nomeá-la. A partir desse momento, o real é aquilo que não se pode representar nem por palavras nem por imagens; não pode ser tocado, apresentando sua incidência no sujeito, faltando-lhe uma representação psíquica. Goldfarb (1998, p. 9) esclarece a velhice no contexto do real: "parece-me que a velhice, como alguma coisa da ordem do diabólico, não pode ser nomeada sem provocar medo e rejeição". Por sua vez, Freud menciona a grande exaltação da beleza:

> de imediato, constatamos que essa coisa não lucrativa que esperamos que civilização valorize, é a beleza. Exigimos que o homem civilizado reverencie a beleza, sempre que a perceba na natureza ou sempre que a crie nos objetos de seu trabalho manual, na medida em que é capaz disso (FREUD, [1930 / 1929] 1996, p. 99).

Precisamos do simbólico para que a velhice venha a ter sentido e significados, ao contrário do nosso imaginário, velhice não é sinônimo de morte e doença. Em suma, enfatiza Kamkhagi (2008, p. 5), "saber envelhecer com dignidade e consistência e poder aproveitar o

que de melhor a vida pode nos oferecer, em cada um dos seus períodos, é uma virtude a ser conquistada ao longo do tempo".

Predomina na sociedade a cultura do jovem, com o seu padrão de beleza, e o idoso fica excluído, pois tem cabelos brancos, rugas e pele flácida, o que está fora dos ideais de jovialidade. A imagem do idoso é a perda da imagem ideal, pois causa estranheza e aflição. Nesse caso, para continuar vivendo e estar dentro dos seus ideais, o idoso deveria renunciar ao seu desejo, dado que "a velhice é descrita à pena da queda do desejo, da decrepitude e da doença; todas as reduções são tratadas como perdas irreparáveis e o idoso é descrito como um morto que vive" (MUCIDA, 2006, p. 68). Completando tais considerações, temos ainda que

> o velho, então, "impotente" e "incapaz" de superar criticamente o modelo vigente que prioriza o jovem, belo, forte e poderoso, a ele se submete tentando apagar as diferenças, passar para o interior do círculo de poder, fazendo tudo por se incluir, muitas vezes de forma maníaca e caricata, ou caindo no isolamento, na renúncia ao desejo (GOLDFARB, 1998, p. 14).

A respeito da decadência do corpo, "não cria uma armadura impenetrável contra as investidas do destino e habitualmente falha quando a fonte do sofrimento é o próprio corpo da pessoa" (FREUD, [1930 / 1929] 1996, p. 87). A perda do eu-ideal vivenciada na velhice é considerada como uma fonte de desprazer, não há nessa imagem traços de prazer, seja pelo velho ou por aqueles que o observam, nem ao menos há quem se identifique com essa imagem.

Diante disso, se a sociedade moderna idealiza e se preocupa com a imagem do corpo perfeito, a sua perda causa um abalo no imaginário do sujeito, devido às transformações no corpo. Porquanto, o imaginário é constituído através do outro e se manifesta na imagem, podendo, assim, ser vista pelos outros e pelo indivíduo.

> O imaginário é tudo o que diz respeito à imagem do corpo sem a mediação da palavra, reduzindo as relações humanas à especularidade, o que faz com que sejam anulados os limites e as diferenças entre o sujeito e o outro como semelhante. No imaginário reina a lei do transitivismo, onde o eu se torna sinônimo do outro (JORGE; FERREIRA, 2005, p. 35).

A partir disso, é possível entender que o eu-ideal é o outro como imagem com valor cativante, ou seja, prevalece uma relação dual com o outro. Para melhor compreendermos eu-ideal, cumpre um retorno às concepções infantis: a mãe e a criança são um só. A criança, após passar pelo processo de identificação, terá a formação do ideal do eu.

Aqui é o outro como falante, essa etapa ocorre com a perda da mãe e a entrada no social, ocorrendo uma relação tríade, pois, inclui a palavra como mediadora. No ideal do eu, a criança percebe que o outro é diferente e separado dela. Essa percepção da imagem e separação da criança é um prazer, a imagem é satisfatória. Ao contrário, ao chegar na fase da velhice, essa imagem de ideal do eu é perdida e a nova imagem adquirida com o tempo é insuportável para o velho e gera grande desprazer, produzindo um furo na imagem do ideal de perfeição trazido pela juventude. Em conformidade com a temática abordada, Mucida (2006, p. 112) enfatiza que "nessa direção, a velhice torna-se uma das faces do mal-estar da cultura; advém, como salientado, fazendo furo ao encontro prometido com o objeto".

Outro ponto importante: o organismo terá que se adaptar às mudanças advindas com a velhice, o que é motivo de desconforto para o idoso; a perda da força e a lentificação dos movimentos vêm mostrar no real que não é possível nomear e nem negar as transformações do ciclo da vida.

> A idade modifica nossa relação com o tempo; ao longo dos anos, nosso futuro encolhe, enquanto nosso passado vai-se tornando pesado. Pode-se definir o velho como um indivíduo que tem longa vida por trás de si, e diante de si uma expectativa de sobrevida muito limitada (BEAUVOIR, 1986, p. 445).

Nesse contexto, todos nós compartilhamos do mesmo mal-estar. O idoso já não apresenta expectativas, perdendo a sua identidade. Na atualidade, os velhos pouco importam, de modo que ficar velho nessa sociedade consumista pode ser visto como um momento trágico da fase da vida. Beauvoir (1986) acrescenta que a velhice surge como uma desgraça e as mudanças trazidas por ela pelos anos são as mais desagradáveis.

Com frequência, a cultura atual dá um grande valor àquilo que é novo, aos grandes avanços tecnológicos e aos objetos novos cada vez mais modernos. Portanto, Mucida (2009, p. 66) destaca que na velhice "essa ideia de novo não inaugura por si uma nova posição do sujeito diante do seu sofrimento", ou seja, apesar dos objetos serem novos, eles não são capazes de apagar o mal-estar da sociedade.

Bem sabemos que a imagem da velhice é desvalorizada, a sociedade coloca o idoso em uma posição de carga. Nessa situação, o jovem não quer ser velho, pois sabe que, na atualidade, ser idoso é muito difícil. Como demonstra Mucida (2006, p. 110): "a imagem da velhice, além de não ser valorizada culturalmente, não traz perspectivas de novas aquisições, pelo contrário, delineiam-se apenas perdas".

De qualquer forma, resta ao idoso, além de ter que aprender a lidar com a tensão das mudanças do corpo, conviver com o abandono e o sofrimento que esse mal-estar instaura. O idoso teme essa nova imagem que a passagem do tempo lhe oferece de enfraquecimento e desgaste.

> Para cada indivíduo, a velhice acarreta uma degradação que ele teme. Ela contradiz o ideal viril ou feminino adotado pelos jovens e pelos adultos. A atitude espontânea é a de recusá-la, uma vez que se define pela impotência, pela feiúra, pela doença. A velhice dos outros inspira também uma repulsa imediata (BEAUVOIR, 1986, p. 51).

Na contemporaneidade, é difícil a realidade que retira os velhos da vida social quando perdem suas capacidades e suas forças, não mais possuindo papel algum. Para o idoso, é viver dentro de um mal-estar ter que aceitar essa condição que lhe é imposta, caracterizando-o como um sujeito incapaz e inútil dentro da sociedade.

2.2 A imagem da velhice como espelho despedaçado

O envelhecimento não possui o mesmo significado de velhice. O envelhecimento é um processo, a velhice é um momento do processo de envelhecimento, ou seja, uma etapa assim como a infância, a adolescência e a fase adulta. A velhice é considerada a última etapa do ciclo que se chama vida. De acordo com Beauvoir (1986), a velhice se constitui como o alongamento e a consequência de um processo.

A velhice começaria por volta dos 60 anos[1], porém, cada sujeito terá uma construção de velhice de um jeito. O envelhecimento é um processo natural do desenvolvimento humano que se inicia com o nascimento. Na concepção de Monteiro (2011), a velhice é um estado do processo do envelhecimento.

De toda forma, o envelhecimento é irreversível. Além do mais, o envelhecimento é produzido pelo tempo e suas marcas são vistas pelos outros. As mudanças sociais, biológicas e psicológicas ocorrem no envelhecimento e, na velhice, essas mudanças se acentuam. É importante destacar que velhice não é sinônimo de doença e nem de morte.

Por conseguinte, a velhice é um prolongamento do processo do envelhecimento, com a função de mostrar a posição do sujeito idoso. O ingresso na velhice acontece quando o idoso não é mais visto e nem se sente como objeto de desejo do outro. Sob esse aspecto, o

[1] Essa concepção de idade pode variar e, em algumas considerações, a velhice iniciaria aos 65 anos.

atributo da subjetividade na velhice se instaura em como o idoso se vê, como ele se percebe e como ele é percebido pelo outro.

Freud ([1910] 1996), em *A significação antitética das palavras primitivas*, articula como uma palavra em seu sentido antitético pode ter um lado negativo e outro positivo. Nessa perspectiva, a palavra envelhecimento será entendida como vida e morte, perda e ganho e também velho e jovem. Freud ([1910] 1996, p. 164-165) trata melhor do conceito de palavras antitéticas, sendo "tudo que podemos conhecer é visto como transição de alguma outra coisa, toda experiência deve ter dois lados; e, ou cada nome deve ter uma significação dupla, ou então, para cada significação deve haver dois nomes".

Assim, o envelhecimento será compreendido como um processo de perdas e ganhos. Messy (1999) descreve o processo de envelhecimento como uma ideia de perda e outra de aquisição. Na medida em que a sociedade coloca a velhice em uma posição de déficit e, a juventude, de benefício.

Para Freud, o homem não teve a capacidade de adquirir conceitos antigos e simples a "não ser como os contrários dos seus conceitos, e só gradativamente aprendeu a separar os dois lados de uma antítese e a pensar em um deles sem a comparação consciente dos outros" (FREUD [1910] 1996, p. 163). Nesse sentido, acentua Messy (1999, p. 17) que "a palavra envelhecimento, ('*vieillissement*' em francês) começa pela palavra vida ('*vie*')". De modo que o envelhecimento tem características de enfraquecimento, desgaste, diminuição, e de acréscimo, o que se especifica pela maturação do indivíduo e do organismo.

Nesse sentido, tomemos o envelhecimento juntamente com a noção de tempo, pois o ego se relaciona com o tempo. Para a Psicanálise, no envelhecimento, o ego é ameaçado com as perdas de objetos, perdendo os seus suportes, de maneira que na infância, apesar da perda do objeto de amor (a mãe), a criança ganha o social. No processo de envelhecimento, na etapa infantil, existem ganhos como a maturação (atenção dos pais, aprender a andar e a falar) ser aceito por aqueles que estão perto dela.

Do ponto de vista de Beauvoir (1986), a criança leva vantagem sobre o adulto pela quantidade de suas possibilidades e grande capacidade de aquisições. Na adolescência, perde o corpo de criança, ganhando um corpo que, de certa forma, será desejado por aqueles que o rodeiam, pois essa imagem é idealizada, começa a aprender a lidar com as responsabilidades. Agora está caminhando rumo à vida adulta, perdendo cada dia a proteção dos pais.

Nesse contexto, o adulto, por sua vez, ganha lugar na sociedade e, ao mesmo tempo, se percebe envelhecendo, já não é jovem mais. Em outra vertente, a velhice é compreendida como um momento de perdas, pois o sujeito depara-se com um corpo que mostra uma imagem de feiúra e repulsa por aqueles que o enxergam, perdendo a imagem idealizada e ganhando uma que causa horror e espanto; além do mais, há perdas sociais e desamparo dos familiares. O idoso não está preparado para encarar as mudanças pelas quais está passando e se defronta com questões desfavoráveis, ocasionando um desamparo para o indivíduo que traz a perda de sua independência e de sua autonomia.

Dessa maneira, na velhice há um ganho de experiência, pois os idosos aprenderam vivendo com o seu passado e presente. Segundo Beauvoir (1986), o velho possui uma experiência vivida e é possuidor de um saber. Além do mais, o velho ganha aposentadoria, perdendo o convívio social e a oportunidade de conservar os relacionamentos.

No entanto, o inconsciente não envelhece, não tem noção de tempo, nem de certeza e nem negação; sendo assim, o sujeito não envelhece. O inconsciente é imutável, atemporal, sendo assim, Bianchi (1993, p. 61) menciona que "o tempo – a velhice – não muda a estrutura". Além do mais, não reconhecemos a velhice em nós, somente nos outros. Nas palavras de Messy (1999), "velho é o outro" e Beauvoir (1986) menciona que o adulto tem um comportamento como se nunca fosse ficar velho e que isso só ocorreria aos outros.

Conforme Mucida (2009), existe um corpo que envelhece e que faz laço com a mente, que jamais envelhece. O que acarreta uma dificuldade em aceitar a velhice. O corpo a cada dia que passa envelhece, enfraquece e desgasta-se; o inconsciente em contrapartida, não envelhece. Porém, a mente vive e percebe o envelhecimento do corpo. A velhice consiste em um estado de subjetivação e, com a passagem do tempo, existe um sujeito envelhecendo a seu modo.

A velhice surge de forma inesperada, não é bom e nem belo envelhecer, principalmente porque o nosso inconsciente não conhece a noção de velhice. O inconsciente se sente jovem, a libido circula, pois o desejo não tem idade. A partir das referências de Beauvoir (1986), aprendemos que a idade chega de surpresa, há um obscuro sentimento de injustiça, que é traduzido com revoltas e de rejeições. Nesse contexto, a velhice traz consigo características de perda, inutilidade, desprezo, de decrepitude e de fim da vida.

Beauvoir (1986) afirma que a maioria das pessoas recebe a velhice com tristeza e revolta, sendo motivo de repugnância. Só os outros envelhecem, ou seja, "para aquele que envelhece, a velhice aparece então como um **sonho** em que ele não pode acreditar. São os

outros que envelhecem, é aquilo que o cerca que perde o sentido, e até o próprio corpo, afligido por uma mudança que é também uma traição" (BIANCHI, 1993, p. 109).

Lacan nos ensinou a respeito do estádio do espelho, no qual a criança, "a partir do ego ideal, forma primordial, que o ego se constitui, por um processo de identificações com outro semelhante" (MESSY, 1999, p. 33). Após esse momento, a criança passa a se reconhecer, antes ela pensava que mãe e ela eram um só, a mesma extensão de seu corpo. Em vista disso, Messy (1999) aborda que a criança não diferencia a realidade externa quando nasce. Assim, a mãe é extensão dela igual ao seio ou à chupeta.

Nesse processo do estádio do espelho, que ocorre entre seis meses a um ano, a criança passa a reconhecer sua imagem no espelho, ocorre um júbilo por vivenciar esse momento, permitindo a identificação; ou seja, "este espelho, então, não é mais que o olhar da mãe, ou seja, certa imago pré-existente no desejo materno com relação a esse filho" (GOLDFARB, 1998, p. 33). Com base na autora citada, é o olhar da mãe que, ao vê-la, traz determinados atributos com os quais a criança se identifica. Chamamos essa imagem corporal de eu-ideal, a criança está no narcisismo primário, tudo é voltado para ela. O estádio do espelho permite à criança se enxergar não como pedaços, mas como um sujeito.

> O corpo despedaçado é o corpo pulsional: um corpo sem imagens e sem sentido. Trata-se, portanto, de um corpo real. Sem dúvida, o estádio do espelho faz com que o bebê não se sinta mais aos pedaços, mas como Um (JORGE e FERREIRA, 2005, p. 40).

A criança, nessa fase de identificação com o outro, quando ocorre a separação dela e da mãe, compreende que a mãe está fora dela. A mãe deixa na criança algumas sensações de falta, o eu-ideal vai se constituir na relação com o outro.

Todavia, o eu passa a ser constituído a partir de várias imagens invertidas, o que se estabelece com o encontro com o Outro. Contudo, diz Mucida (2006) que o estádio do espelho consiste em uma identificação, a mudança pela qual o sujeito passa faz com que adote uma imagem.

Embora o corpo que a criança recebe lhe dê prazer e satisfação, prevalecendo alegria e júbilo, na velhice não é assim, o que explica um espelho quebrado, desfragmentado e destruído. O espelho se quebra porque essa nova imagem adquirida na velhice não é agradável, não traz nenhuma satisfação para o idoso, o corpo começa a se desfragmentar (perda da força, dos cabelos, dos dentes e da elasticidade da pele), o corpo começa a se enfraquecer e a aproximar-se da morte. Ao tomar um rumo em direção à decrepitude, a

realmente se acabar, o que vem caracterizar a imagem da velhice como um espelho despedaçado, o velho não possui uma imagem desejada por aqueles que o observam e nem por ele mesmo. Goldfarb (1998) enfatiza que, na velhice, o corpo deixa de ser confiável e se torna um inimigo, sendo preciso dele cuidar frequentemente.

Assim, o espelho refere-se ao olhar do outro, nesse caso, predomina o olhar de desejo ou de repulsa. Tudo isso é vivido no dia a dia, seja em gestos, palavras e atitudes que também são encarregados de induzir mudanças. Quando esse espelho é positivo, é considerado como um anunciador de ideal. No entanto, no envelhecimento, com a quebra do espelho, torna-se negativo, é um momento de perdas e declínio físico, que trará consigo a velhice. Nessa vertente, Goldfarb (1998) diz que o idoso, ao olhar no espelho, vê devolvida uma imagem de declínio e decrepitude, uma imagem com a qual ele não se identifica. A imagem do idoso não é mais idealizada como antes, perdeu o ideal de perfeição, quebrou-se o espelho.

No espelho quebrado, o indivíduo se vê e não aceita aquela imagem, que agora é uma ameaça, símbolo de horror e estranheza. Sendo assim, "se o envelhecimento acompanha os anos, a velhice, por sua parte, se trama nos espelhos" (MESSY, 1999, p. 16). A velhice trama nos espelhos, isto é, sua imagem é despedaçada, quebrada e destruída juntamente com o espelho do ideal de perfeição da juventude, o que vem marcar as perdas traçadas na velhice, trazendo o insuportável de ter que viver sem a imagem ideal. A partir desse momento, passa a existir um ego estranho, "o horror de envelhecer encontra seu reflexo no espelho, sob o aspecto do eu- feiúra" (MESSY, 1999, p. 34).

Diante disso, o sujeito precisa aceitar as mudanças, o que revela que essa imagem não é de forma alguma recebida como júbilo como antes quando se era criança, como uma promessa de amor, tem todas as escolhas e uma vida pela frente. O velho não possui esse leque de possibilidades, observa a sua imagem com agressividade e não se reconhece nela, "não há júbilo nem alegria, há apenas estranheza e ele pensa: 'esse não sou eu'. Novamente uma discrepância entre a imagem inconsciente do corpo e a imagem que o espelho lhe devolve" (GOLDFARB, 1998, p. 33).

Na velhice, se perdem as referências, o eu transforma-se em exausto e desgastado. O tempo é o grande responsável pelas marcas da velhice no corpo. A partir do relato de Kamkhagi (2008, p. 104), "a entrada no envelhecer nos coloca face a face com aquilo que mais detestamos em nós mesmos". Tendo em vista a contemporaneidade, enfatiza-se a

aparência e as práticas de novas aquisições de bens consumíveis; ninguém quer aparentar-se velho.

Levando em conta que na velhice, o velho encara a realidade de estar aprisionado em um corpo que já não corresponde às suas vontades e nem ao seu desejo; isto se torna insuportável. Segundo Goldfarb (1998), ao tomarmos consciência de nossa deteriorização, deixamos de ser onipotentes.

Contudo, mesmo diante de tantas perdas há no sujeito traços que permanecem intactos, pois foram inscritos e não se apagam e, por mais que o tempo queira levá-los ao esquecimento, vemos que não é possível.

> Em sua escrita encontra-se um sujeito que jamais envelhece. Isso significa que há traços de cada um que não se perdem jamais e não se alteram com a passagem do tempo. Significa ainda que cada um escreve, desenha, pinta, tece, conta ou canta a sua velhice em conformidade com a sua forma de lidar com a vida. A velhice não traz em cena outro sujeito (MUCIDA, 2009, p. 23).

Conforme a autora acima, a velhice é uma escrita, a mesma vai acontecer no campo da memória, que é constituída de traços das experiências vividas, imaginadas ou sentidas. O que revela que há traços que persistem como reais e indestrutíveis, funcionando com uma espécie de reserva e proteção.

A esse respeito, aponta Mucida (2009), os traços que não se apagam dão a sensação de que o tempo não passou. É por esse motivo que o velho tem a sensação de que eles continuam a existir, mesmo após o tempo ter passado; o que revela uma fuga no passado, que retorna como se fosse atual; é uma tentativa eminente do eu de continuar existindo, "o Eu é um projeto sempre inacabado e para se preservar deve se reconhecer como uma parada, uma ancoragem" (GOLDFARB, 1998, p. 59). Nessa perspectiva, as lembranças que existem do passado são uma tentativa de maquiar e esconder o real que o presente insiste em mostrar, tenta-se de todas as formas criar um disfarce das perdas.

Nessa vertente, o sujeito na velhice, devido ao tempo, muda a sua relação com sua própria história e com o mundo, envelhecendo sua forma de ver o mundo e de sonhar, através das perdas advindas do envelhecimento. Na realidade, a sociedade é a culpada pela segregação dos idosos, o que abre sequelas para que o envelhecimento seja carregado de preconceitos desfavoráveis e negativos. As marcas do envelhecimento e a subjetividade são inscritas em cada sujeito de uma forma peculiar.

Em face dessa situação, Beauvoir menciona que a imagem da velhice é incerta, contraditória e confusa, sendo singular. A velhice é um declínio, por isso, é temida. Para Beauvoir (1986), a velhice acarreta em abatimento físico e uma fadiga; na velhice perdem-se as forças e as paixões. A posição do sujeito é influenciada pelo tempo através de modificações na estrutura, o que acarreta um tipo de organização subjetiva.

Assim, a velhice se torna uma categoria social e, por isso, existem vários tipos de velhices que não se pode igualar. Segundo Beauvoir (1986), o desgaste e o enfraquecimento são causados pela passagem do tempo. O tempo transcorre, constrói memórias, produz subjetividades e cria histórias. A velhice é um destino a ser traçado por cada sujeito.

Desse modo, a velhice se reproduz socialmente como o fim da vida; porém, envelhecer não é só acabar. Portanto, na velhice há vida. É necessário refletir e criticar a posição do idoso na sociedade atual, para que tenha uma velhice bem sucedida, apesar das perdas inevitáveis do envelhecimento. É preciso entender qual é o lugar do sujeito na sociedade, seja qual for sua idade.

3 Considerações finais

Desenvolvemos, neste texto, um diálogo entre a sociedade do espetáculo e a sociedade dos consumidores, juntamente com o tema velhice no processo do envelhecimento. Na sociedade do espetáculo/consumidores, o consumismo excessivo é sinal de sucesso, uma estrada que conduz ao aplauso, público e fama. Os vínculos, assim como os relacionamentos estabelecidos na sociedade de consumidores/espetáculo, são frágeis e leves, haja vista que ambos realizam uma atividade solitária e, por isso, não emergem vínculos duradouros.

Em vias de conclusão, destacamos que a imagem da velhice não é valorizada culturalmente, pois não traz perspectivas de novas acumulações de bens consumíveis, mas define-se como momento de despojamento dos orgulhos que caracterizam a juventude. Na velhice, o corpo aparece como uma realidade não condizente com a imagem idealizada do corpo perfeito, propalada pela sociedade. Desse modo, histórias de desprezo e de abandono são constantes e não raras no processo social.

A pesquisa realizada e os resultados obtidos apresentam a sociedade como a responsável pela segregação dos idosos - assim como o é de outros grupos humanos -, sustentando com preconceitos e estigmas as práticas segregacionistas. Para a sociedade consumista, a velhice aparece como uma espécie de segredo vergonhoso, do qual não se pode

falar. Na realidade social, deparamo-nos com uma total inaptidão em receber o cidadão fora da lógica consumista preconizada pelo capital. Em face dessa situação, observamos que a população idosa tem consumido cada vez mais, devido a não aceitar ficar excluída da sociedade consumista e a ser contaminada pelas estratégias de *marketing* que impõem impiedosamente o desejo e a vontade acima daquilo que é necessário e básico para se viver bem. Assim, alguns idosos se endividam, não tendo limite do seu próprio consumo. A sociedade consumista é totalmente individualista, competitiva e egoísta, transformando os sujeitos, por meio dos produtos, em apenas objetos que devem consumir a qualquer preço a fim de satisfazerem suas vontades e insatisfações.

Assim sendo, na contemporaneidade, a sociedade consumista pode ser caracterizada como a cultura do lixo. Nesta vertente, na cultura do lixo, tudo é jogado fora, seu lema é: compre, desfrute e jogue fora. Na cultura do lixo tudo é descartado rapidamente, assim como as pessoas e as relações.

Efetivamente, é necessário refletir sobre o consumismo e a população idosa, visando à sua melhor integração individual e social em uma sociedade mais justa e humana. Finalmente, de acordo com este trabalho, enfatizamos que as marcas do envelhecimento e a subjetividade são inscritas em cada sujeito de forma peculiar. A velhice é um destino a ser traçado por cada um. O acolhimento ao idoso recupera as imagens positivas de si mesmo que foram perdidas e é capaz de operar transformações na forma de a sociedade ver a si mesma.

Referências

BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. Título original: *La vieillesse*.

BIANCHI, Henri. **Eu e o tempo**: psicanálise do tempo e do envelhecimento. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1993.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FREUD, Sigmund. A significação antitética das palavras primitivas [1910]. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. V. XI. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, p. 157-166, 1996. Título original: *Uber den gegensinn der urworte*.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização ([1930 / 1929]). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. V. XXI. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, p. 73-148, 1996. Título original: Das Unbehagen in der Kultur.

GOLDFARB, Delia Catullo. **Corpo, tempo e envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998, 90p.

JORGE, Marco A. Coutinho; FERREIRA, Nadiá P. **Lacan, o grande freudiano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Editor, 2005.

KAMKHAGI, Dorli. **Psicanálise e velhice:** sobre a clínica do envelhecer. São Paulo: Via Leterra, 2008.

MESSY, Jack. **A pessoa idosa não existe**. São Paulo: Aleph, 1999.

MONTEIRO, Marli P. O tempo foracluído da psicanálise. **O tempo da psicanálise**. Salvador: Cógito, n.12, p. 41-46, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1519-94792011000100008&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 fev. 2014.

MUCIDA, Ângela. **O sujeito não envelhece:** psicanálise e velhice. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MUCIDA, Ângela. **Escrita de uma memória que não se apagam –** envelhecimento e velhice. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

The image of old age as a broken looking glass

Abstract

In this article, we intend to present a discussion about old age that, often, clashes with the ideology of the capitalist world that prioritizes youth, happiness and consumption. We're based upon psychoanalytic theory to emphasize the subject in old age and cover the problems experienced by this population. If the body, over the years, ages, the soul does not age, that is, the unconscious of the subject is unaware of the mental category of time. So that the elderly do not waste your role in society and live with satisfaction, it is essential that it be treated as a man of rights and duties. Each senior is able to build their own old age in his unique way.

Keywords: subject; old age; capitalism; society; psychoanalysis.